

## **A imprensa alófona no mundo (séculos XVII, XVIII e XIX): a dominação do francês e do inglês<sup>1</sup>**

Diana Cooper-Richet

Desde sua criação, em novembro de 2012, a rede internacional de pesquisadores Transfopress,<sup>2</sup> voltada para o estudo da imprensa alófona, organizou um número razoável de encontros científicos e criou algumas ferramentas de auxílio à pesquisa.<sup>3</sup> O primeiro encontro da Transfopress aconteceu nos dias 28 e 29 de novembro de 2013, na Biblioteca Nacional da França (BnF). Ele possibilitou um debate que nunca havia ocorrido entre especialistas em periódicos publicados em uma língua diferente da língua nacional do local de publicação. O segundo encontro, organizado pelos colegas brasileiros da Unesp, aconteceu na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, nos dias 27 e 28 de novembro de 2014. Com o título “Por uma abordagem transnacional da imprensa em língua estrangeira”, ele possibilitou um avanço no conhecimento a respeito dessas publicações específicas. Em Paris, o comitê de direção *ad hoc* da rede<sup>4</sup> preparou, para os anos de 2014 e 2015, um seminário chamado “Transfopress Europe”, que funcionou em duas sessões de um dia, ao longo de um ano, em março/abril

<sup>1</sup> Tradução de Marília Garcia.

<sup>2</sup> Cf. COOPER-RICHET, Diana. Para um estudo transnacional dos impressos em línguas estrangeiras: testemunhas e agentes da história da circulação dos homens e das ideias por todo o mundo (séculos XIX e XX). *Livro*: revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, São Paulo: Ateliê Editorial, n. 2, p. 35-46, 2012. COOPER-RICHET, Diana; GUIMARÃES, Valéria. Transfopress: Rede Transnacional para o Estudo da Imprensa em Língua Estrangeira (Séculos XVIII-XX). *Livro*: revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, São Paulo: Ateliê Editorial, n. 3, p. 69-83, 2013. A rede reúne uma centena de pesquisadores oriundos de uma dúzia de países. Três grupos de pesquisa foram constituídos: no Brasil, na Espanha e no México.

<sup>3</sup> Essas ferramentas constituem uma base de dados, *CulturHisto*, produzida dentro do CHCSC por Céline Clouet. Disponível em: <<http://www.histoiredesmedias.com/Ressources-Culturhisto-premiere.html>>. Acesso em: 28 dez. 2015. Ver a seção “Presse en langues étrangères”, o site <<http://transfopresschcsc.wix.com/>>, uma página em *academia.org* e outra no Facebook (<<https://www.facebook.com/transfopress>>), essas duas criadas por Géraldine Poels.

<sup>4</sup> Céline Clouet (CHCSC, UVSQ), Diana Cooper-Richet (CHCSC, UVSQ), Bénédicte Deschamps (LARCA, Université Paris Diderot), Géraldine Poels (CHCSC, UVSQ), Michel Rapoport (CHCSC, UVSQ).

e outubro, e se organizou a partir de uma aproximação linguística desses periódicos: imprensa francófona, anglófona, italoófona e hispanófona no mundo.<sup>5</sup>

Graças às apresentações e às trocas que tiveram lugar durante essas sessões e entre elas, e graças ao trabalho de um número considerável de pesquisadores, teve início uma reflexão sobre o fenômeno editorial amplo que foi a imprensa alófono – ou a imprensa em língua estrangeira (PEL).<sup>6</sup> A partir de então, foram abertos alguns caminhos, os quais permitem, sobretudo, que se compreendam melhor os motivos que levaram determinadas publicações a optar por determinadas línguas, em lugares onde essas línguas não eram faladas correntemente. A PEL publicada nos séculos XVIII e XIX, em geral muito diversificada no que diz respeito aos gêneros, não se encaixava nas categorias que haviam sido estabelecidas anteriormente, com o objetivo de classificar a imprensa publicada em línguas não nacionais.

Philippe Mezzasalma, em artigo de 2008,<sup>7</sup> classifica esses periódicos de acordo com os motivos que justificaram seu estabelecimento num país estrangeiro: imprensa de imigração econômica, imprensa de imigração política, “da imprensa do colonizado à do emigrante”. Para outros autores, especificamente nos Estados Unidos, a terminologia usada para qualificar qualquer imprensa em língua estrangeira é “étnica”. Está claro, porém, que essas categorias, embora úteis, não são totalmente operantes em relação aos séculos XVII-XVIII e XIX; afinal, quem seriam os imigrantes “étnicos” naquela época? Além disso, quando eles passam a existir, no final do século XIX, ainda não têm capital cultural<sup>8</sup> suficiente para se lançar no mundo da edição de jornais, a não ser no caso dos exilados políticos ale-

<sup>5</sup> A primeira dessas sessões ocorreu no dia 4 de março de 2014. A segunda, sobre a imprensa anglófona, no dia 28 de outubro, na Biblioteca Nacional da França, em Paris. O seminário sobre a imprensa em italiano ocorrerá nos dias 6 e 7 de abril, na BnF.

<sup>6</sup> Sigla em francês para “Presse en Langues Étrangères”. (Nota da tradutora.)

<sup>7</sup> MEZZASALMA, Philippe. Sauvegarder et numériser la presse des immigrations en France à la BnF, XIX<sup>ème</sup>-XX<sup>ème</sup>. Comunicação no *World Library and Information Congress*, Québec, 10-14 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.youscribe.com/catalogue/presse-et-revues/actualite-et-debat-de-societe/politique/date-31-07-2008-sauvegarder-et-numeriser-la-presse-des-406973>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris: Seuil, v. 30, p. 3-6, nov. 1979.

mães,<sup>9</sup> poloneses,<sup>10</sup> italianos do *Risorgimento*,<sup>11</sup> ou ainda de alguns franceses que fugiram do seu país depois do golpe de estado de 2 de dezembro de 1851. Os casos ligados ao exílio político foram bem estudados,<sup>12</sup> mas eles não dão conta – aliás, estão longe disso – da realidade dessa imprensa multiforme como um todo. As categorias usadas na Austrália por Miram Gibson e Jerzy Zubrzycki, “Volunteer settlers” e “Emigrante”<sup>13</sup> são mais proveitosas, pois, nos séculos XVII, XVIII e XIX, a questão se colocava em termos de dominação linguística e cultural, tendo a dominação econômica como elemento subjacente. Além disso, para o historiador americano Jeremy Popkins,<sup>14</sup> a questão do idioma de publicação dos jornais antes da Revolução Francesa é secundária, uma vez que a imprensa circulava frequentemente para além das fronteiras e as elites que a liam eram,

<sup>9</sup> GRANDJONC, Jacques. La presse de l’immigration allemande en France (1795-1848) et en Europe (1830-1848). *Archiv für Sozialgeschichte*, Stuttgart: J. H. W. Dietz Verlag, v. 10, p. 95-152, 1970; e MEZZASALMA, Philippe. Sauvegarder et numériser la presse des immigrations en France à la BnF, XIX<sup>ème</sup>-XX<sup>ème</sup>, para os dados e números na França.

<sup>10</sup> Cf. GOCEL, Ludwik. Les débuts de la presse de la grande émigration polonaise en France et son caractère clandestin (1832-1833). *Revue d’Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris: Belin, t. 15, p. 304-320, abr.-jun. 1968; RAPACKA, Louise. Liste alphabétique des périodiques clandestins publiés par l’émigration polonaise en France (1832-1833), avec leur cote à la Bibliothèque Nationale et à la Bibliothèque polonaise de Paris. *Revue d’Études Slaves*, Paris: Sorbonne/CNRS, t. 48, p. 59-71, 1969; *Prasa Polska w latach* (1661-1864). Varsóvia: Panstwowe Wydawnictwo Naukowe, 1978; *Prasa Polska w latach* (1864-1918). Varsóvia: Panstwowe Wydawnictwo Naukowe, 1976; MEZZASALMA, Philippe. Sauvegarder et numériser la presse des immigrations en France à la BnF, XIX<sup>ème</sup>-XX<sup>ème</sup>.

<sup>11</sup> Ver os trabalhos de Nicola Gabriele, da Universidade de Cagliari, e de Delphine Diaz, da Universidade de Paris-Sorbonne, bem como o programa do colóquio “Presse en exil dans l’Europe du XIX<sup>ème</sup> Siècle” (Disponível em: <<http://exil.hypotheses.org/162>>. Acesso em: 28 dez. 2015) e o trabalho citado de Philippe Mezzasalma.

<sup>12</sup> Duas representantes da rede Transfopress, Diana Cooper-Richet e Bénédicte Deschamps, participaram dos seguintes colóquios internacionais sobre o exílio, em sua dimensão política e em suas representações literárias: “Presse et exil dans l’Europe du XIX<sup>ème</sup> siècle”, na Escola Francesa de Roma, em 23-25 set. 2013 e “Exil et transferts culturels dans l’Europe moderne”, em Paris, Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris III, em 6-7 jun. 2014.

<sup>13</sup> GIBSON, Miriam; ZUBRZYCKI, Jerzy. *The foreign language press in Australia (1848-1964)*. Canberra: Australian National University Press, 1967. p. 133.

<sup>14</sup> Cf. POPKINS, Jeremy. *A quoi peut-on comparer la presse d’Ancien Régime?*. Comunicação apresentada na Jornada da Sociedade de Estudos da História das Mídias, organizada em Paris, em 14 de junho de 2002, sobre o tema “Pour une histoire comparatiste des médias”, que analisa a noção de imprensa nacional em relação à internacionalização da imprensa no Antigo Regime.

ao mesmo tempo, políglotas e pouco interessadas em ler nas línguas que elas consideram, por vezes, locais ou vernáculas.

A pesquisa acerca de tais jornais e a consequente compreensão das escolhas pelos locais e idiomas de publicação só podem ser feitas levando em conta esse contexto específico, muito diferente daquele do século XX, com as grandes levas de imigração transfronteiriças e transoceânicas.

UMA IMPRENSA EM FRANCÊS PARA AS ELITES ESCLARECIDAS E PARA AS PEQUENAS  
COMUNIDADES DE EXPATRIADOS

Historicamente, do nascimento da imprensa, no fim do século XVII,<sup>15</sup> até as últimas décadas do século XIX, o francês foi a língua diplomática internacional e a língua da elite cosmopolita. A zona de influência e de penetração cultural da França, e, portanto, do francês, tornou-se bastante ampla. Ela se estendeu, em primeiro lugar, ao longo da costa do mediterrâneo. As pesquisas iniciadas pelos nossos colegas da Universidade de Baleares, conduzidas por Carlota Vicens-Pujol, pretendiam encontrar os periódicos em francês publicados nas ilhas, apreciados, no século XIX, por escritores e artistas como George Sand e Frédéric Chopin. O trabalho de coleta, levantamento e digitalização dos periódicos<sup>16</sup> em francês publicados no Egito desde a expedição de Bonaparte e seus sucessores, entre 1798 e 1801, que está em curso há muitos anos no Centro de Estudos Alexandrinos (CeAlex),<sup>17</sup> instalado em Alexandria, evidenciou a importância desses impressos, que haviam sido subestimados tanto no plano quantitativo quanto no qualitativo. As discussões estabelecidas com o grupo Transfopress fizeram surgir a ideia de um projeto de pesquisa mais amplo, o qual, um pouco a exemplo de Fernand

<sup>15</sup> Considerado como o primeiro jornal, *La Gazette de France*, de Théophraste Renaudot, começou a ser publicado em 1631.

<sup>16</sup> Géraldine Poels, pesquisadora de pós-doutorado no projeto Transfopress, apresentou uma comunicação no “Atelier numérique – Histoire, mémoire des migrations”, em 20 de maio, em Paris, no Museu de História da Imigração.

<sup>17</sup> Ver o site do CeAlex (<[http://www.cealex.org/sitecealex/navigation/FENETR\\_NAV\\_E.HTM](http://www.cealex.org/sitecealex/navigation/FENETR_NAV_E.HTM)>), as fontes disponíveis *online* (<[http://www.cealex.org/sitecealex/navigation/FENETR\\_NAVressources\\_F.htm](http://www.cealex.org/sitecealex/navigation/FENETR_NAVressources_F.htm)>) e o DVD (<<http://www.cealex.org/pfe/index.php>>) sobre a imprensa em francês do Egito (Acesso em: 10 dez. 2015). Diana Cooper-Richet e Géraldine Poels participaram do colóquio organizado em conjunto pelo CeAlex e pela Escola Francesa de Atenas, “Presse francophone en Méditerranée”, Atenas, 11-12 mar. 2014.

Braudel, buscasse levar em conta a bacia do Mediterrâneo em seu aspecto global, e depois observasse e estudasse a imprensa publicada em línguas estrangeiras<sup>18</sup> nesse lugar. Se os esforços feitos pelo CeAlex possibilitaram repertoriar e resguardar mais de cem títulos publicados em francês no Egito desde o começo do século XIX – entre periódicos diários, revistas literárias, artísticas e de vanguarda –, agora foi revelado, graças aos trabalhos do historiador Lampros Flitouris, da Universidade de Janina (na Grécia), que no fim do século XIX os redatores dos jornais estabelecidos em Tessalônica, em sua maioria judeus, escolheram o francês como língua de publicação de seus periódicos. Esse idioma era, de fato, conhecido e compartilhado pela maioria dos leitores potenciais, qualquer que fosse a nacionalidade ou a língua materna dos comerciantes endinheirados e instruídos ou dos intelectuais e representantes de profissões liberais pertencentes à diáspora internacional, que haviam encontrado refúgio naquele porto acolhedor e aberto para o mundo. A coleta de documentos realizada pelo SALT, órgão de pesquisa privado fundado pelo Garanti Bank em 2011, situado em Istambul, confirmou a existência de periódicos em francês publicados na Turquia. Outros países da região mediterrânea, tais como o Líbano – que ainda hoje tem o *L'Orient-Le Jour*, um dos maiores jornais diários de Beirute, criado em 1970 da fusão do *L'Orient* (1924) com o *Jour* (1934) –, a Síria,<sup>19</sup> e mesmo outros, tiveram uma imprensa em francês. Em Chipre, com a chegada dos primeiros templários,<sup>20</sup> o francês esteve em uso desde o século XII, e o mesmo aconteceu sem dúvida em Malta, com os Cavaleiros da Ordem. Seriam eles os responsáveis por colocar em circulação os jornais franceses nessas ilhas? Os trabalhos pioneiros de Gilles Kraemer<sup>21</sup> sobre a região merecem seguir adiante e ser ampliados, como tem feito o recente projeto da equipe do Transfopress.

<sup>18</sup> Principalmente em inglês e em italiano.

<sup>19</sup> Não nos esqueçamos de que o Líbano e a Síria passaram a estar sob domínio francês depois da Primeira Guerra Mundial, fazendo parte, assim, da zona de influência francesa.

<sup>20</sup> IMHAUS, Bruneilde. La francophonie en Chypre du XII<sup>ème</sup> à la fin du XIX<sup>ème</sup> siècle: évolution historique et sociologique. *Documents pour l'Histoire du Français Langue Etrangère ou Seconde*, Paris: SIHFLES, n. 32, p. 13-43, 2004.

<sup>21</sup> Cf. KRAEMER, Gilles. *Trois siècles de presse francophone*. Paris: L'Harmattan, 1995; KRAEMER, Gilles. *La presse francophone dans le monde*. Paris: Maisonneuve et Larose, 2001; e a sua tese defendida no Instituto Francês da Imprensa, Universidade

No norte do continente europeu, na Rússia dos czares, mas também no que se convencionou chamar “*mittel Europa*”, publicavam-se periódicos franceses no final do século XVIII e no XIX. Os trabalhos de Vladislav Rjéoutski<sup>22</sup> testemunham a influência cultural francesa sobre a imprensa publicada na Rússia. O mesmo ocorre no Império bicéfalo, isto é, austro-húngaro. Alguns colegas húngaros<sup>23</sup> assinalam a existência de jornais em francês, e até mesmo bilíngues, em francês-grego, na região magiar dessa vasta zona austro-húngara. No espaço cultural germanófono, publicavam-se e difundiam-se almanaques em francês desde o século XVII, como mostram as pesquisas de fôlego de Hans-Jürgen Lüsebrink.<sup>24</sup> Ainda que o estado atual de nossos conhecimentos não nos permita comprovar com exemplos tirados de pesquisas precisas, está claro que no resto do vasto conjunto multicultural que é a Europa Central, incluindo aí também os Bálcãs e países como as atuais Romênia, Albânia<sup>25</sup> e Bulgária, a influência cultural da França, de sua literatura, cultura e língua, foi durante muito tempo primordial, como comprovam os muitos «liceus franceses» que existiam, ou existem ainda, em boa quantidade de cidades nessa região, como em Sofia, por exemplo.

O francês também foi a língua de exilados políticos, alguns deles célebres, como Victor Hugo e Charles Riberolles, os quais, depois do golpe de Estado de Napoleão III, em 1851, buscaram refúgio nas ilhas anglo-normandas de Jersey e Guernesey e criaram *L'Homme: journal de la démocratie universelle* (1853-1856).<sup>26</sup> Embora seja marginal em relação à enorme quantidade de jornais em francês que surgiram no mundo, o aparecimento de um jornal em francês edi-

Paris 2-Panthéon Sorbonne, *Géopolitique de la presse francophone en Méditerranée: essai de typologie d'un média national dans une langue non-nationale*, 2001.

<sup>22</sup> Atualmente pesquisador no Instituto Histórico Alemão de Moscou. Cf. RJÉOUTSKI, Vladislav; AGENT, Gesine; OFFERD, Derek (Org.). *European francophonie: the social, political and cultural history of an international prestige language*. Oxford: Peter Lang, 2014.

<sup>23</sup> Foi o professor de história da Universidade de Szeged, Sandor Csemus, que gentilmente indicou a existência desses periódicos.

<sup>24</sup> LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. *Les almanachs en langue française dans l'aire culturelle germanophone*. Comunicação apresentada no primeiro encontro da rede transnacional Transfopress. Paris, Biblioteca Nacional da França, 28-29 nov. 2013.

<sup>25</sup> Vale lembrar que o antigo dirigente comunista albanês Enver Hoxha (1908-1985) era professor de francês de formação.

<sup>26</sup> Ver os trabalhos de Sylvie Aprile e os de Mariem Fredj, estes ainda em andamento.

tado por exilados políticos evidencia, ao mesmo tempo, a história intelectual e política de uma França que, desde a Revolução de 1789, hesitava em adotar o regime republicano; e este é um fenômeno que tem sido bem estudado.

Graças ao trabalho de Michel Rapoport<sup>27</sup> sobre *La Chronique de Londres*, da *Belle Époque* ao Entreguerras, e também às recentes pesquisas de Valentina Gossetti,<sup>28</sup> conhecemos, hoje em dia, a inacreditável proliferação da imprensa em francês no Reino Unido, mais especificamente em Londres, durante o século XIX. A capital inglesa contava com mais de cento e trinta publicações em francês, embora algumas delas fossem apenas parcialmente escritas nessa língua. Elas eram de grande diversidade: revistas pedagógicas, culturais, jornais políticos, religiosos, publicações comerciais ou turísticas, de viagens. Essa variedade também aparece, de certo modo, nos periódicos em inglês publicados na França na mesma época. A proximidade geográfica; as trocas intensas entre os dois países, mesmo com mais britânicos indo à França que franceses à Inglaterra; os exilados e os profissionais de um lado da Mancha que se instalaram do outro lado – tudo isso contribuiu, sem dúvida, para explicar essa proliferação, no caso dos dois países.

Graças às pesquisas de Pascal Riviale, passamos a conhecer um pouco mais da história de alguns exilados políticos franceses no Peru, na segunda metade do século XIX, e sobre a imprensa que eles criaram. Eles não foram, contudo, os únicos franceses a tomar o rumo da América Latina. Havia outros que iam tentar a sorte, sobretudo a econômica, no Novo Mundo. Pequenas comunidades de franceses deixaram a pátria mãe para se instalar no Brasil, na Argentina e em outros países. Os trabalhos de Valéria Guimarães<sup>29</sup> e seus alunos mostram

<sup>27</sup> RAPOPORT, Michel. The London French from the Belle Époque to the end of the inter-war period (1880-1939). In: KELLY, Debra; CORNICK, Martyn (Org.). *A history of the French in London: liberty, equality and opportunity*. London: Institute of Historical Research, 2013. p. 241-280.

<sup>28</sup> Essa jovem pesquisadora apresentou recentemente duas comunicações sobre a imprensa em francês no Reino Unido no século XIX. A primeira no Encontro Transfopress de 28-29 nov. 2013, e a segunda na sessão do Seminário Transfopress de 4 mar. 2014 sobre “La presse francophone dans le monde”, eventos que ocorreram na Biblioteca Nacional da França (BnF).

<sup>29</sup> Cf. o site de Valéria Guimarães, *Jornais Franceses no Brasil*, disponível em: <<http://jfb.franca.unesp.br>>, acesso em: 28 dez. 2015, e seu Projeto Jovem Pesquisador/FAPESP: “As transferências culturais na imprensa na passagem do século XIX ao XX – Brasil e França”.

a atividade editorial desses expatriados voluntários,<sup>30</sup> concentrados, sobretudo, no Rio de Janeiro e em São Paulo no final do século. Foram identificados em arquivos brasileiros mais de trinta títulos publicados entre 1820 e 1930. Políticos, econômicos e financeiros, esportivos e teatrais, satíricos e literários, esses periódicos testemunharam a vontade multiforme de expressão da pequena comunidade francesa no Brasil. Na Argentina, Elizabeth Hutnik<sup>31</sup> também destaca a existência de jornais em francês – *La Cédille*, *Le Petit Journal* e *Le Trait-d’union* – nas últimas décadas do século XIX. No México, diferentes jornais em francês circulavam no mercado. Conservados na Hemeroteca do México, eles estão sendo estudados por um grupo de colegas reunidos por iniciativa de Arnulfo Santiago Gómez. Ainda temos poucas informações, porém, a respeito do Chile e da Colômbia, onde, contudo, alguns jornais estrangeiros circulavam, até mesmo no interior, na segunda metade do século XIX. Grandes territórios ainda precisam ser explorados. Mais ao norte, nos Estados Unidos, os estudos de Hans-Jürgen Lüsebrink sobre a proliferação de almanaques em francês nos séculos XVIII e XIX<sup>32</sup> revelam-se, sob este aspecto, bastante importantes, assim como os de Anthony Grolleau-Fricard<sup>33</sup> sobre o *Courrier des États-Unis*, que circulou de 1821 a 1851. Apesar disso, é claro que essas pesquisas, por mais interessantes que sejam, não puderam senão abrir uma pequena fresta para enxergar o assunto!

Também na Ásia havia jornais em francês. Nos anos de 1870, apareceram no Japão *L’Écho du Japon* e *Le Courrier du Japon*.<sup>34</sup> Embora ainda faltem pesquisas sobre o assunto, é difícil imaginar que na China, quer nas áreas de concessão francesa, quer, igualmente, nas paróquias dirigidas por missionários, não fossem impressos e distribuídos periódicos em francês. Um pouco mais longe,

<sup>30</sup> Cf. VIDAL, Laurent; LUCA, Tania de (Org.). *Les Français au Brésil (XIX<sup>ème</sup> -XX<sup>ème</sup> siècles)*. Paris: Les Indes Savantes, 2011.

<sup>31</sup> Elisabeth Hutnik é pesquisadora na Universidade Nacional de La Plata, Argentina.

<sup>32</sup> LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. *Une presse populaire en milieu minoritaire: les almanachs en langue française aux États-Unis*. Comunicação no Seminário Transfopress Europe sobre “La presse francophone dans le monde”. Paris, Biblioteca Nacional da França, 4 mar. 2014.

<sup>33</sup> GROLLEAU-FRICARD, Anthony. *Le Courrier des États-Unis (1821-1851)*. Paris, 2009. Tese (Doutorado)- Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne.

<sup>34</sup> POLAK, Christian. *Soie et lumières, l’âge d’or des échanges franco-japonais (des origines aux années 1950)*. Tokio: Hachette Fujingaho, 2002. p. 196-197.

na Austrália – e isso desde 1858 –, surge o efêmero *Journal de Melbourne* (1858-1859) e, em seguida, começam a ser publicados a *Revue Australienne* (em 1873) e, principalmente, o *Courrier Australien: journal cosmopolitain du samedi*, lançado em 1892, publicações que costumavam estar ligadas à comunidade francesa da Nova Caledônia.<sup>35</sup>

Esse mapa provisório da imprensa em francês, publicada fora do espaço francófono no século XIX, engloba, assim, quase todos os continentes. Ele mostra, notadamente, a supremacia do francês, língua de cultura e das elites. O mapa que mostra os jornais em inglês pelo globo, embora bastante lacunar, é bem diferente, porque parece seguir a expansão econômica mundial da Grã-Bretanha.

PARA OS VIAJANTES E OS “EXPATRIADOS VOLUNTÁRIOS”,<sup>36</sup>

NAS ZONAS DE INFLUÊNCIA BRITÂNICAS: UMA IMPRENSA EM INGLÊS

Antes de o inglês se tornar a língua franca mundial – o *Global English* –, papel que estava inscrito nos genes do esperanto, mas que essa língua inventada nunca conseguiu encarnar, o Reino Unido impôs sua presença e sua língua mundialmente. Se a discussão, por ora, permanece aberta no que diz respeito ao estatuto dessas publicações na língua do colonizador, em país colonizado (por exemplo, em francês na Argélia, em inglês na Índia), parece claro, contudo, que nos lugares onde os ingleses, primeiros viajantes do mundo, decidiam passar uma temporada – mais ou menos larga –, mesmo sem serem considerados imigrantes ou exilados, havia jornais e revistas sendo publicados em inglês.

Em Paris, então capital cosmopolita do mundo, bem como em várias outras cidades menores, como Bordeaux, Boulogne, Calais, Dinard e Nice, lugares em que os ingleses ficavam por curtas temporadas, no fim do século, há jornais de todos os tipos, dos cotidianos às revistas literárias, passando por boletins profissionais, incluindo os linguísticos, que passam a existir<sup>37</sup> desde 1807. Até hoje, já

<sup>35</sup> GIBSON, Miriam; ZUBZYCKI, Jerzy. *The foreign language press in Australia (1848-1964)*, p. 15-16.

<sup>36</sup> Tradução do termo utilizado por: GIBSON, Miriam; ZUBZYCKI, Jerzy. *The foreign language press in Australia (1848-1964)*, p. 133.

<sup>37</sup> Ver a tese pioneira (editada) de Hugh Awtrey: AWTREY, Hugh. *La presse anglo-américaine de Paris*. Paris: Granguillot et Burri, 1932. Tese de doutorado defendida na Universidade de Paris; COOPER-RICHET, Diana. *Les périodiques anglo-parisiens*

foi feito o levantamento de quase uma centena desses jornais. As pesquisas atuais de Isabelle Richet sobre a imprensa em inglês na Itália, no fim do século XIX e começo do XX,<sup>38</sup> revelam a proliferação de periódicos desse tipo em Bordighera, em Florença e, provavelmente, em outras cidades. Considerando-se essas descobertas recentes, fica claro que, nesses lugares que recebiam os herdeiros do *Grand Tour*,<sup>39</sup> na Grécia, na Suíça, nos estados alemães, bem como no norte da África, os jornais na língua natal dos *grand touristes* eram editados para eles e estavam à sua disposição. Os surpreendentes jornais postos à venda na Argélia mostram de forma precisa esse fato: *The Algerian Advertiser* (1888-1915) e *The Atlas* (1892-1912) estavam ali para os que amavam os invernos amenos e para os britânicos de saúde fraca do *fin-de-siècle*.<sup>40</sup> Esses eram os países, embora sem dúvida houvesse outros lugares, onde homens e mulheres queriam passar uma temporada, às vezes até morar, graças ao seu encanto ou por interesse terapêutico, artístico, cultural, histórico. O maior objetivo dessas publicações era oferecer a esse público leitor específico jornais e revistas que lhe pudessem deixar a par das atualidades do cenário internacional e de seu país, indicassem atividades de lazer e informassem sobre pessoas de bem que chegavam ao país.

de la première moitié du XIX<sup>ème</sup> siècle: passeurs de culture et de modèles éditoriaux. *Études Épistémè*: revue de littérature et de civilisation (XVI<sup>e</sup> – XVIII<sup>e</sup> siècles), [S.l.], n. 24, 2014; COOPER-RICHET, Diana. Diffusion du modèle victorien à travers le monde. Le rôle de la presse en anglais publiée en France au XIX<sup>ème</sup> siècle. In: THÉRENTY, Marie-Eve; VAILLANT, Alain (Org.). *Presse, nations et mondialisation au XIX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010. p. 17-32; COOPER-RICHET, Diana. La presse britannique dans le Paris de la première moitié du XIX siècle: modèle et vecteur de transferts culturels. In: MOLLIER, Jean-Yves; RÉGNIER, Philippe; VAILLANT, Alain (Org.). *La production de l'immatériel: théories, représentations et pratiques de la culture au XIX<sup>ème</sup> siècle*. Saint-Etienne: Université de Saint-Etienne, 2008. p.115-129; COOPER-RICHET, Diana. Presse en anglais et littérature, à Paris, dans la première moitié du XIX<sup>ème</sup> siècle. In: THÉRENTY, Marie-Eve; VAILLANT, Alain (Org.). *Presse et plumes: journalisme et littérature au XIX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2004. p. 153-168.

<sup>38</sup> Ver a sua contribuição no primeiro Encontro Transfopress, na Biblioteca Nacional da França, em 28-29 nov. 2013, intitulada “La presse de langue anglaise en Italie, repérage et essai de typologie”.

<sup>39</sup> Viagem iniciática e cultural realizada pelos filhos da alta sociedade britânica no século XVIII, a fim de se familiarizar, principalmente, com os espaços da antiguidade, mas não apenas com isso.

<sup>40</sup> Cf. COOPER-RICHET, Diana. Les journaux en anglais publiés à Alger au tournant du XIX<sup>ème</sup> siècle: une fenêtre ouverte sur le Bassin méditerranéen. A ser publicado em *Les Cahiers du CeAlex*.

Como mostram os estudos realizados por Stéphanie Prévost,<sup>41</sup> em outros lugares da costa mediterrânea, no Império Otomano, uma imprensa com essas características começou a se desenvolver. Tomando-se os exemplos de Chipre e Malta, que não eram colônias britânicas de fato, mas pertenciam a zonas “controladas” pelo governo da Grã-Bretanha, parece natural pensar (mesmo que ainda faltem estudos que corroborem a hipótese) que houvesse jornais anglófonos publicados ali e que o modelo oferecido por eles sem dúvida contribuiu para o nascimento da imprensa local. Na Palestina, e agora em Israel, a imprensa em inglês, lembrança do mandato exercido pelo governo britânico, de 1920 a 1948, é representada por um jornal diário que se tornou mundialmente célebre, *The Jerusalem Post*,<sup>42</sup> no qual trabalha o professor Ouzi Elyada, da Universidade de Haifa.

Indo um pouco mais longe, para a Ásia, com a criação das concessões estrangeiras na China na segunda metade do século XIX<sup>43</sup> (as alemães, em Tsin Tao,<sup>44</sup> e, na província de Shandong, as francesas; em Hankéou, atual Wuhan, e, em Shanghai, as britânicas, as japonesas e as russas)<sup>45</sup> é muito provável que tenham sido publicados jornais nessas diferentes línguas. Nesta última cidade, um jornal diário em inglês, o *North China Herald*, atingiu notável longevidade (1842-1953). A coleção conservada na Shanghai City Library está agora disponível em versão digital no *site* da instituição.

Se nos voltamos para a América Latina, parece evidente que a imprensa em inglês proliferou seguindo os passos dos *volunteer settlers* que se estabeleciam por toda a parte um pouco. Desde a primeira metade do século XIX, as grandes revistas *The Edinburg Review* (1802) e *The Quarterly Review* (1809) louvavam o mérito daqueles que resolviam expatriar-se no continente sul-americano, em países que ofereceriam tantas possibilidades aos aventureiros e

<sup>41</sup> Os trabalhos de Stéphanie Prévost abordam o século XIX.

<sup>42</sup> Entre 1932 e 1950, o jornal foi publicado com o nome *Palestine Post*. Vale lembrar que existe uma versão internacional em francês do *Jerusalem Post*.

<sup>43</sup> Foi depois dos tratados de Nankin, em 1842, do rio Boique, em 1843, e de Tianjin, em 1858, que a China se viu pressionada a ceder concessões a um grande número de potências.

<sup>44</sup> Onde introduziram a cerveja, daí o nome da mais famosa cerveja chinesa.

<sup>45</sup> E também, em algumas regiões, italiana, austro-húngara e belga.

aos que desejavam fazer fortuna.<sup>46</sup> As riquezas do subsolo brasileiro, argentino, peruano e mexicano eram copiosamente descritas, assim como os investimentos que elas poderiam atrair. O clima da Argentina é apresentado como agradável; já a Colômbia, o Uruguai e o Paraguai são apenas citados.

Graças à pioneira e muito preciosa bibliografia anotada e compilada em 1995 por Oliver Marshall<sup>47</sup> sobre a imprensa em inglês publicada no continente sul-americano, um primeiro panorama desse conjunto está disponível. Ele nos permite constatar a amplitude e a diversidade desse fenômeno editorial. No Brasil, a professora da USP e especialista em literatura inglesa Sandra Guardini Vasconcelos e seus alunos descobriram muitos títulos em inglês publicados, principalmente, no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo e na Paraíba; alguns deles estão sendo estudados. Os vinte e dois títulos levantados, dos quais o primeiro – o jornal semanal *The Rio Herald* – remonta a 1828, e o último – *Sunday News* – a 1993, assim como *The Rio Mercantile*, lançado sem dúvida por volta de 1847, e *The Parahiba Times*, de 1894, são provas vivas da força linguística, editorial, comercial e humana da Inglaterra nessa importante região da América do Sul.

Outros países do continente tiveram seus *volunteers settlers*, como o Chile, por exemplo, onde os *Smiths* de hoje em dia – diz-se “esmit” – são descendentes dos marinheiros que, no século XIX, aportaram em Valparaíso.<sup>48</sup> Os navegantes não foram os únicos que se estabeleceram na América Latina; aliás, estão longe de ser. Criadores, dentistas, mineiros, homens de negócios, engenheiros, representantes de companhias marítimas, de seguros, de bancos e professores de inglês<sup>49</sup> se aventuraram por essas terras, e eles também desejavam ler em sua língua materna. No Chile, pelo menos doze títulos em inglês foram publicados no século XIX, sendo o primeiro a *South American Gazette*, lançada em 1828, e o

<sup>46</sup> Cf. COOPER-RICHET, Diana. De um hemisfério a outro. O papel das revistas na circulação: as representações da América do Sul em *The Edinburgh Review* e *The Quarterly Review* durante a primeira metade do século XIX. *Livro: revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo: Ateliê Editorial, n. 1, p. 99-114, 2011.

<sup>47</sup> MARSHALL, Oliver. *The English language press in Latin America: an annotated bibliography*. Londres: Universidade de Londres, Instituto de Estudos Latino-Americanos, 1995.

<sup>48</sup> FAURE, Michel. Le déclin de Valparaíso. *Le Monde*, Paris, 15 jul. 2006.

<sup>49</sup> MARSHAL, Oliver. *The English language press in Latin America: an annotated bibliography*, p. i.

que teve maior tempo de publicação o *Chili Times* (1859-1909).<sup>50</sup> Não poderia ser diferente na Argentina, considerando-se a piada frequentemente contada na Europa, que diz que os argentinos são italianos que falam espanhol e se tomam por ingleses. A influência britânica ali é preponderante, desde a prática do polo até a elegante indumentária, passando pela abertura de uma sucursal da loja Harrods na capital. No século XIX, surgiram cerca de cinquenta títulos em inglês em pelo menos sete cidades da Argentina, sendo que o primeiro deles era bilíngue – *El Argos* – e data de 1821. Os periódicos que tiveram a duração mais longa, como o *Buenos Aires Herald* (1876-), o *The Southern Cross* (1873-), dos irlandeses, hoje em dia quase totalmente escrito em espanhol, o *The Review of the River Plate* (1891-) ou ainda o *The Standard* (1861-1959), merecem ter suas histórias escritas.<sup>51</sup> Não seria preciso buscar a existência de jornais em inglês também no México, na região de Hidalgo, em Real Del Monte<sup>52</sup> e Pachuca, perto das minas de sal, para onde desde os anos de 1820, e até os anos de 1930, mineiros do País de Gales eram enviados, em função de seus conhecimentos técnicos? Não teriam eles deixado por lá outras lembranças de sua passagem, além da tradição das *Cornish pasties*, que são comemoradas ainda hoje todos os anos, nessas localidades? Elas estão na origem de uma amizade muito forte que une as duas regiões, bastante afastadas uma da outra geograficamente. Oliver Marshall, durante sua pesquisa, levantou quarenta títulos em inglês na região ao longo do século XIX, alguns deles de duração bastante curta. Eles datam, principalmente, do período da guerra americano-mexicana, nos anos de 1846-1848.<sup>53</sup> O pesquisador contabilizou, além desses, alguns jornais em inglês em Cuba, Honduras e outros lugares, como Venezuela, Peru e Uruguai, demonstrando, assim, a amplitude desse fenômeno editorial na América do Sul.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 25-32.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 1-18.

<sup>52</sup> O magnífico cemitério galês dessa cidade revela a importância da comunidade galesa ali.

<sup>53</sup> MARSHALL, Oliver. *The English language press in Latin America: an annotated bibliography*, p. 58-69.

## CONCLUSÃO

Ao chegar ao fim deste panorama dos resultados e encaminhamentos das pesquisas mais recentes sobre a imprensa alóфона no mundo, concluímos que seria anacrônico, no que concerne ao fim dos séculos XVIII e XIX, qualificar a imprensa em língua estrangeira como «étnica». Na realidade, as línguas que dominavam essa imprensa eram as das duas principais potências que, culturalmente, em um caso, e economicamente, no outro, irradiam sua influência pelo mundo. Cada uma delas, com sua imprensa, desempenhava o seu próprio papel e também outro, localizado nos imaginários: o da “França nação literária”,<sup>54</sup> o da “Inglaterra fábrica do mundo”. Com a chegada do século XX, quando se multiplicaram em larga escala os movimentos de imigração de populações menos instruídas, a natureza e as razões de ser da PEL mudaram por completo, assim como as línguas nas quais essa imprensa veio a ser redigida. Destaquemos, contudo, que os jornais em inglês para expatriados e viajantes ingleses cresceram; atualmente eles estão presentes em quase todo o mundo, de Ulan Bator a Pionguiangue, passando por Pequim, Moscou e o sul da Espanha. Eles são um reflexo da imprensa para viajantes que já existia em Paris desde o começo do século XIX, um gênero que, longe de desaparecer, tem se afirmado e atravessado os séculos.

<sup>54</sup> FERGUSON, Patricia Parkhurst. *La France, nation littéraire*. Bruxelles: Labor, 1991.